

“Palavra de ordem” e o discurso outro: retomadas do enunciado “Je suis Charlie”

Rita Zozzoli¹

Resumo: Neste artigo propomos o estudo de enunciados prototípicos que estariam em condições de ser particularmente afetados por um discurso outro, mais especificamente pela alusão (AUTHIER-REVUZ, 1992, 2007). Os dados utilizados são extraídos da Internet, num corpus de gêneros variados (artigos de blogs, fotos de manifestações com enunciados escritos, artigos de imprensa), em francês e em português. Assim, tomando como exemplo o enunciado “Je suis Charlie”, analisamos primeiramente o enunciado formal. Em segundo lugar, abordamos o status discursivo desse tipo de enunciado, estudando sua plasticidade, apoiando-nos na noção de enunciado-acontecimento-tema (Zozzoli, Rita, no prelo), em uma visão de enunciado como afetado pela memória (COURTINE, 1981) e nas bases teóricas de Bakhtine/Bakhtin (1978/1998).

Palavras-chave: Enunciado. Diálogo social. Alusão.

Abstract: In this paper we propose the study of prototypical utterances that would be in condition to be affected by another discourse (discours autre), more specifically by allusion (AUTHIER-REVUZ, 1992, 2007). The data analysed, taken from the internet, are a corpus of different genres (blog articles, demonstration photos with written statements, press articles) in French and in Portuguese. Taking the utterance “Je suis Charlie” as an example, we firstly analyse the formal utterance. Secondly, we approach the discursive status of this kind of utterance, studying its plasticity, by grounding on the utterance-event-theme (Zozzoli, Rita, in press), on an utterance understanding as affected by memory (COURTINE, 1981) and on theoretical underpinnings by Bakhtine/Bakhtin (1978/1998).

Keywords: Utterance. Social discourse. Allusion.

Résumé: Dans cet article nous proposons l'étude d'énoncés prototypiques qui seraient en mesure d'être particulièrement affectés par un discours autre, plus spécifiquement par l'allusion (AUTHIER-REVUZ, 1992, 2007). Les données utilisées ont été extraites d'Internet, dans un corpus de genres variés (articles de blogs, photos de manifestations avec des énoncés écrits, articles de presse), en français et en portugais. Ainsi, prenant comme exemple l'énoncé “Je suis Charlie”, nous analysons d'abord l'énoncé formel. Ensuite, nous examinons le statut discursif de ce genre d'énoncé, en étudiant sa plasticité, en nous appuyant sur la notion d'énoncé-

¹ Doutora em Linguística Et Ensino do Francês pela Université de Franche Comté Besançon, França(1985), é Professora Associada III da Faculdade de Letras Universidade Federal de Alagoas.

événement-thème (ZOZZOLI, Rita, à paraître), sur une vision d'énoncé en tant qu'affecté par la mémoire (COURTINE, 1981) et sur les bases théoriques de Bakhtine/Bakhtin (1978/1998).

Mots-clefs: Enoncé. Dialogue social. Allusion.

Introdução

Os múltiplos recursos tecnológicos sempre renovados dos aplicativos nos contextos midiáticos permitem cada vez mais “retornos reflexivos produzidos pelos enunciadores” (termos de AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 3), menos encontrados no discurso cotidiano oral e escrito antes do advento e da proliferação rápida e constante desses recursos. Esse fenômeno se encontra na disseminação de já ditos/ já feitos (quando existem ações em jogo) e muitas vezes se transformam em *memes*² da Internet, presentes em maior ou menor frequência em diversas culturas. Nesse quadro, a alusão, compreendida por Authier-Revuz (2007) como empréstimo, retomada não explícita de segmentos em sua linearidade, tem papel relevante.

Mais particularmente, alguns enunciados que aparecem nessas retomadas, as quais, pelo que observamos em nossa pesquisa, ultrapassam a fronteiras dos gêneros discursivos e dos vetores³, parecem ser de natureza destacável. Pode-se dizer que, em alguns casos

² Considero que o *meme* pode ser um enunciado, uma imagem, um vídeo, abundantemente compartilhado na Internet, inclusive com versões modificadas, o que vou denominar variações ou transformações. Pode ser o efeito de um *buzz* [previsto por estratégias de marketing ou simplesmente provocado pelas próprias características do enunciado (imagem, vídeo) – acontecimento- tema]. Geralmente corresponde a um curto período de tempo de exposição na mídia e na sociedade, podendo, entretanto, ser retomado em acontecimentos posteriores, como é o caso de “Casse-toi pauv con” na França. Os *memes* estão presentes de forma expressiva no Brasil, como podem atestar exemplos: “Só não foi a Luísa porque foi para o Canada” (e variantes), “Sabe de nada inocente” e tantos outros.

³ Conceito a ser explicitado mais adiante.

específicos, como o das palavras de ordem, algumas características formais e discursivas desses enunciados propiciam de forma particular empréstimos e que essas características podem ser descritas e analisadas.

Assim, tais enunciados seriam prototípicos, passíveis de reutilização em contextos linguísticos e discursivos diversos e até mesmo às vezes sem nenhuma ligação aparente com o contexto de origem, o qual, diga-se de passagem, nem sempre é identificável, como acontecia/acontece mais frequentemente no discurso literário, no discurso acadêmico ou nos diferentes discursos ditos “oficiais” orais ou escritos, como atas, relatórios etc.

1 Princípios teóricos e percurso metodológico

No âmbito sintático/semântico, que se trate de discurso direto (com ou sem aspas), indireto ou ainda indireto livre, são formas de representação do discurso outro (RDA⁴) que são encontradas nos dados estudados em nossa pesquisa, uma vez que nos encontramos em face de *eu* sucessivos que remetem a indivíduos diferentes, na perspectiva da RDA (“eu é um outro”, nos diz Authier-Revuz, 1992, p.15-21, lembrando-nos a famosa frase de Rimbaud⁵). Além disso, os enunciados de que tratamos podem ser considerados dentro da modalidade autonímica de empréstimo caracterizada como alusão (Authier-Revuz, 2007).

⁴ A sigla RDA (Representação do Discurso Outro) será mantida em francês, na forma em que propõe a autora Authier-Revuz.

⁵ Rimbaud escreve « je est un autre », numa carta a Paul Demeny, em 15 de maio de 1871.

Nesse último texto, a autora esclarece que é apenas a alusão a palavras que lhe interessa, limite que também empregaremos neste estudo, ainda que lidemos com essas palavras num plano discursivo, o que implica levar em conta a interligação dessas palavras com acontecimentos, temas, vetores e entornos, conforme explicaremos mais adiante.

Ainda segundo essa autora, a alusão define-se como uma retomada “por empréstimo não explícita de segmentos na sua linearidade”, a qual implica a não- coincidência desse discurso consigo mesmo. Que seja através de Bakhtin (múltiplas vozes), Pêcheux (esquecimentos) ou Lacan (o referente é sempre de alguma forma “fracassado”, de acordo com a retomada da autora citada), o já dito irrompe no dizer, de forma linguisticamente visível e ao mesmo tempo específica nos enunciados aqui estudados.

No plano discursivo, em nosso estudo, levaremos a alusão a outros domínios languageiros para além do texto literário já estudado no texto da autora citada, pois tentaremos abordar as interligações entre diferentes gêneros extraídos da Internet, em função da disseminação do enunciado-acontecimento-tema estudado, dentro de nossos limites de tempo e espaço no período delimitado.

Maingueneau (2013, p. 91) nos chama a atenção para o fato de que as atividades de comunicação de hoje não se limitam ao campo da oralidade e da escrita, mas são “dubladas” pelo espaço da web, que é ao mesmo tempo o mesmo e radicalmente outro. Consideramos que, mesmo no campo da oralidade e da escrita já não se operava um corte, mas uma articulação, quando, por exemplo, retomamos palavras escritas em nosso discurso oral, citando determinado autor no campo

literário ou vice-versa, quando palavras do cotidiano habitam textos da literatura. Agora o quadro se complexificou, se considerarmos a participação da Internet.

Trata-se, assim, para nós, de um fenômeno que acontece num nível muito amplo da comunicação, que vai da mídia às conversações ordinárias e vice-versa e que perpassa fronteiras de países e culturas: um enunciado pode ser prototípico de uma série de enunciados reproduzidos em outros contextos que, às vezes, retomam o enunciado de origem e fazem referência, por meio da memória discursiva (COURTINE, 1981), ao acontecimento no qual ele foi produzido, mesmo se os diferentes e sucessivos locutores não conhecem esse contexto de origem. Para esse autor, o enunciado é da “ordem de uma materialidade repetível” (COURTINE, 1981, p. 45) e tem uma existência vertical (interdiscursiva) e uma existência horizontal (intradiscursiva) (COURTINE, 1981).

Tal fenômeno também é explicável na perspectiva dialógica, para a qual um enunciado vivo “não pode deixar de tocar em milhares de fios ideológicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto desse enunciado e de participar ativamente do diálogo social” (BAKHTIN, 1998, p. 86/ BAKHTINE, 1978, p. 100). Segundo esse autor, o discurso se constitui na atmosfera do já-dito e é orientado, ao mesmo tempo para uma resposta que ainda não foi dita, mas que é solicitada pelo próprio discurso que se constitui (BAKHTIN, 1998/BAKHTINE, 1978).

Ainda no nível do discurso, apoiamo-nos na noção de enunciado-acontecimento-tema (ZOZZOLI, Rita, no prelo), como categoria mista de base, a qual permite considerar os fenômenos estudados nos planos

linguístico, discursivo, “événementiel”⁶, temático, indo até os gêneros do discurso aos vetores e aos entornos. Esse posicionamento implica uma visão complexa, não fragmentada e dinâmica dos dados a serem analisados no conjunto da pesquisa.

Os vetores podem ser objetos, indo desde os mais coletivos aos mais pessoais, individuais, de acordo com o contexto de utilização: um cartaz, um bilhete colado, um adesivo, um folder, uma faixa, mas às vezes, também, uma camiseta ou objetos pessoais em geral; ou então, esses vetores ultrapassam o quadro do objeto, chegando até as inscrições no corpo, como é o caso das tatuagens, ou ultrapassam o linguístico, como as fotos de ações, por exemplo. Propomos esse termo no lugar de suporte ou veículo, frequentemente utilizados, que parecem reduzir a noção a um nível puramente físico, material e que dão uma conotação estática ao fenômeno observado.

Quanto aos entornos, essa noção emprestada a François, pretende recobrir “ao mesmo tempo ‘domínios’ e ‘mundos’, “para caracterizar da maneira mais geral possível o que se passa na situação de interpretação (1998, p. 17) ⁷. Consideramos que esse plano é indispensável a uma análise discursiva social e histórica, que ultrapasse a situação imediata de enunciação.

No âmbito metodológico, os dados analisados são extraídos da Internet, num corpus de gêneros variados: artigos de blogs, fotos de manifestações com enunciados escritos, artigos de imprensa, em

⁶ Relativo ao acontecimento.

⁷ Consideramos, ao mesmo tempo, as situações de produção e de compreensão (interpretação) em nossas análises.

francês e em português⁸. A coleta se deu/se dá num tempo propositalmente estendido (2013-2015, no que diz respeito aos dados dos enunciados prototípicos em geral e de janeiro de 2015 até a presente data, no que toca ao enunciado *Je suis Charlie*), para que tenhamos condições de ter uma ideia geral da extensão do fenômeno no tempo e no espaço, embora não haja um propósito de exaustividade. De fato, esse objetivo não caberia num estudo que pretende levar em conta a abertura dessas retomadas no tempo e no espaço por períodos não passíveis de delimitação prévia e pouco sujeitos a uma cobertura exaustiva devido a sua amplitude. Repentinamente um enunciado-acontecimento-tema traz à tona outro enunciado-acontecimento-tema do passado, sem que isso possa ser regulado previsto ou totalmente inventariado, como é o caso de *Casse-toi, pauv' con*, já analisado em texto anterior (ZOZZOLI, Rita, no prelo).

2 A palavra de ordem: um enunciado prototípico

Nessa perspectiva, este trabalho tem como foco o que nós chamamos de “palavra de ordem”⁹, concebida neste trabalho como um enunciado que exprime um direcionamento/orientação, uma tomada de posição favorável ou desfavorável, frequentemente política, social, em relação a um acontecimento, um tema, um debate, uma marca (no

⁸ Os dois exemplos em outras línguas além do português e do francês visam apenas a confirmar a ampla dimensão das retomadas do enunciado em foco.

⁹ Preferimos essa expressão a slogan, que reservaremos ao discurso publicitário em todas as suas subdivisões.

sentido de ZOZZOLI, Jean-Charles, 2006¹⁰), compreendendo ou não ações, que implicam um acontecimento midiaticizado ou não. A palavra de ordem seria, portanto, uma modalidade de enunciado prototípico específico (microgênero?), dentre outras categorias a serem definidas em nosso estudo.

Falar de microgênero pode ser ainda prematuro no nível em que está nossa pesquisa, mas seria possível adiantar, com base na definição de gêneros primários de Bakhtin (2003), que esses enunciados prototípicos poderiam ser vistos pelo prisma da discussão sobre esse tipo de gêneros. Da mesma forma que um diálogo do cotidiano se integra no romance (gênero secundário), o enunciado prototípico de tipo “palavra de ordem” ou de outra categoria poderá vir a integrar artigos da mídia, por exemplo, como poderemos ver mais adiante.

2.1 O enunciado e seu funcionamento sintático/semântico

Assim, nós nos propomos analisar primeiramente o enunciado e seu funcionamento sintático/semântico, ainda sem levar em conta a amplitude de sua utilização no discurso, tomando como exemplos o enunciado *Je suis Charlie*, surgido após o atentado ao jornal francês Charlie Hebdo, em 07 de janeiro de 2015.

¹⁰ Segundo este autor, a marca “aparece [...] como um verdadeiro e completo fenômeno social que resulta de um confronto dialético e dialógico entre os diversos atores societários” (2006, p. 89). Nessa perspectiva, a marca apresenta uma “identidade idealizada conjunturalmente e dada ilusoriamente como sempre idêntica, que instaura uma diferenciação determinativa de uma classe de produtos (bens, serviços, idéias [...] personalidades públicas e instituições).” (2006, p. 86).

Dessa forma, no conjunto de dados obtidos na Internet, a partir da data citada, no que diz respeito a esse enunciado, procuramos categorizar as retomadas¹¹, incluindo as variações subsequentes:

2.1.1 No plano do enunciado do ponto de vista sintático/semântico, no interior do sistema da língua francesa:

a) *Je suis Charlie* não marcado:

O enunciado é repetido sem mudanças aparentes. Entretanto o *je* é sempre um outro locutor (Lx), a partir do primeiro locutor (L1) e do primeiro enunciado (E1)¹². Observamos que o discurso direto que remete a um discurso outro não necessita ser marcado por locuções introdutórias (*segundo X, como disse X*) que retomariam L1 e E1, o tempo, o local, o gênero etc. em que E1 foi produzido. Nem mesmo as aspas são aqui necessárias¹³. É, portanto, com todo apoio na memória discursiva que se dá a alusão. Percebemos ainda que, em cada vez que o enunciado é retomado, a identidade do novo enunciador e a existência do “novo” enunciado se revelam e se reforçam, ao mesmo tempo em que remete à identidade de L1 e uma adesão a E1 (mesmo que o locutor Lx não tenha conhecimento de L1 e que o conhecimento de E1 seja vago ou impreciso, sendo essa carência suprida pelo acesso à memória compartilhada dos memes, como veremos mais adiante). Acrescente-

¹¹ Sem objetivar um levantamento exaustivo, como já foi dito.

¹² L1 e E1 representam aqui uma questão de antecedência, de ordem, no quadro da referenciação no plano essencialmente linguístico. Como veremos nas reflexões que têm como base o dialogismo, quando o tempo e o espaço históricos entram em consideração, mesmo o primeiro enunciado da sequência referencial está carregado de outras vozes.

¹³ Para Authier-Revuz (2007, p. 6), ‘A marcação de um empréstimo passa, efetivamente, por duas operações de delimitação – ou “balizamento”: (a) a de localização-delimitação do fragmento na linearidade do discurso; e (b) a de localização identificação da fonte exterior no espaço do já-dito. E cada uma dessas operações apresenta graus diversos no balizamento que ela realiza.’ No caso de *Je suis Charlie*, não se trata nem mesmo do nível mais baixo de marcação.

se que #¹⁴JeSuisCharlie recebe a marcação da Internet, o que tem a intenção de reunir todos os enunciadores em torno do tema do atentado.

2.1.2 Variações com diferentes transformações e acréscimos:

a) "#JeNeSuisPasCharlie;

b) #JeSuisFlic, #JeSuisAhmed, #JeSuisFranck (que marcam uma referência aos policiais mortos no ataque ao jornal já citado); *Je suis musulman, pas terroriste* (Eu sou mulçumano, não terrorista¹⁵, em manifestações e nas redes sociais); *Je suis juif* (Eu sou judeu, em manifestações e nas redes sociais)

c) *Je ne suis pas Charlie, je suis Mohamed* (num cartaz em uma manifestação na Tunísia, em 15 de janeiro de 2015);

d) *Nous ne sommes pas tous Charlie, nous sommes tous la Liberté* (em uma carta ao jornal *Le Monde* feita por alunos de liceus).

e) *Nous sommes Charlie*;

A transformação através da negação como em a), c), d) reúne enunciadores discordantes de diversas posições, como vamos ver mais adiante, seja por razões de respeito a outras religiões, seja por uma defesa da posição não islamofóbica ou outros motivos a serem explorados mais adiante na parte destinada à análise discursiva. No plano sintático-semântico, percebemos a diferença da força semântica da narração que vai desde a negação total em a) a negações com

¹⁴ O sinal # sinaliza uma hashtag nas redes sociais, ou seja, um sinal usado para identificar mensagens relacionadas a um tópico específico. Reproduzimos #JeSuisFranck na forma em que foi encontrado na Internet. O mesmo será feito com todos os dados apresentados.

¹⁵ Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

ressalvas, como em c) e d), até posições que contêm um questionamento implícito, como b), mesmo com a afirmação.

Os *nous* presentes nos enunciados do banco de dados são marcas de vários enunciadores juntos (ou que se quer apresentar como tal) que se identificam através da posição em relação ao atentado: uma publicação conjunta, como no título de um livro de bolso que reúne 60 escritores, uma posição de um grupo de manifestantes, de um grupo na Internet. Na forma afirmativa apresentada em e), expressam a concordância, o apoio, a semelhança. Em alguns casos, acrescenta-se o reforço do *tous*, em *Nous sommes tous Charlie*. Em uma página no Facebook, tem-se o reforço *Je suis toujours Charlie*, com marca de posição no tempo.

2.1.3 Variações no plano do enunciado do ponto de vista sintático-semântico, no interior do sistema de outras línguas:

a) *Je suis Charlie*, não marcado:

I- *Je suis Charlie* em francês em um enunciado/texto em outra língua: *After the attack of the newspaper office many people around the world twittered #Je Suis Charlie, I am Charlie Hebdo, and the hashtag rapidly began to trend as everyone expressed outrage for this attack on free speech*¹⁶ (Blog Aish);

II- *Je suis Charlie* em outra língua: *I am Charlie, Ich bin Charlie, Yo soy Charlie*, em manifestações, em diferentes países.

¹⁶ Depois do ataque ao escritório do jornal, muita gente em torno do mundo tweetou *#Je Suis Charlie, I am Charlie Hebdo*, e a hashtag rapidamente começou a ser uma tendência quando as pessoas expressavam ultraje em relação a esse ataque à liberdade de fala (tradução livre).

b) Variações com diferentes acréscimos ou com transformações:

I- *Je ne suis pas Charlie*, em francês, retomado em um texto escrito em outra língua, como em *Eu não sou Charlie, je ne suis pas Charlie*, no título e na conclusão de um artigo publicado em Carta Capital¹⁷;

II- *Je ne suis pas Charlie*, na língua empregada no texto;

I am not Charlie (Editorial do New York Times);

III- Enunciado/s híbrido/s (introdução do francês dentro do enunciado do outro sistema linguístico)

Je suis professor (em manifestações e nas redes sociais a favor dos professores do Estado do Paraná em greve)

Je suis Syriza (em jornais e nas redes sociais, a favor do líder grego e da posição da Grécia contra o FMI).

O enunciado *Je suis Charlie*, é, portanto, prototípico e potencialmente « revelador/reforçador » de identidades, ao permitir múltiplas transformações no sujeito Lx¹⁸ e nas adjetivações que se seguem nos planos sintático e semântico-relacional. A questão identitária é marcada formalmente através das modalizações autonímicas apresentadas como variações de *Je suis Charlie* nos exemplos já analisados. Mas ela também está nos casos não marcados, na inserção do já-dito nas “próprias” palavras de Lx, o que faz com que seu discurso se apoie num exterior que lhe assegura sua unidade e sua identidade (AUTHIER, 2007).

¹⁷ O artigo foi divulgado primeiramente sem nome no Blog de Leonardo Boff. Posteriormente Boff atribui o texto ao Pe. Antonio Piber e depois esclarece que se trata de um artigo de Rafael Saldanha.

¹⁸ Sujeitos das variações.

2.2 O enunciado *Je suis Charlie* na perspectiva discursiva

Assim, num segundo momento, focalizaremos a perspectiva discursiva, para nós não destacável da linguística, apoiando-nos, como já foi mencionado, na perspectiva dialógica (BAKHTIN, 1998/ BAKHTINE, 1978), na noção de memória nela contida através da plurivocalidade e da polifonia, articulada com a noção de memória de Courtine (1981) e, finalmente, na noção de enunciado-acontecimento-tema (ZOZZOLI, Rita, no prelo), como categoria mista de base que permite uma visão que articula o linguístico ao “*événementiel*” e ao temático, apresentados nas condições de produção.

O enunciado *Je suis Charlie* encontra-se interligado ao acontecimento “desencadeador¹⁹”, que foi o atentado ao jornal *Charlie Hebdo*. Os milhares de fios dialógicos contidos no diálogo social (BAKHTIN, 1998/ BAKHTINE, 1978) criam tensões que produzem “novas” interpretações e “novas” produções, as quais não são tão novas assim, porque retomam, através da memória discursiva, já ditos produzidos nesse diálogo social, o qual pode ser mais ou menos global (como é o caso de *Je suis Charlie*) ou envolver um país, uma comunidade, um grupo. O fato de envolver um nível global de diálogo não significa que as compreensões serão as mesmas em cada país, em cada comunidade etc..

Um exemplo disso é a charge produzida no *Canard Enchaîné* de 14 de janeiro de 2015²⁰, na qual se vê o enunciado *Sarko s’est glissé au*

¹⁹ Não utilizaremos os termos “primeiro”, “original” ou equivalentes nesta parte do texto, uma vez que, na visão bakhtiniana, o plurilinguismo dialogado não permitiria afirmar essa anterioridade a um determinado enunciado.

²⁰ Não reproduziremos imagens de charges, fotos ou similares, por causa da grande dificuldade de obter direitos autorais em muitos casos (experiências anteriores confirmam essa posição). Mencionaremos a fonte e descreveremos o que está na imagem. No caso de textos, além da fonte, apenas pequenos extratos serão apresentados.

*premier rang avec les chefs d'état*²¹, acompanhado de um desenho dos chefes de estado na manifestação no boulevard Voltaire. Abaixo do enunciado, antes do desenho, tem-se *Je suis Charlie* vindo de todas as direções e um enunciado de Sarkozy: *Je suis sur la photo*²². Esse retorno ao enunciado e ao acontecimento-tema principal (retorno implícito na própria situação representada na charge) retoma, ao mesmo tempo, críticas já feitas ao antigo presidente por suas ações, assim como, implicitamente, a discussão de quem está ou quer estar no primeiro plano na cena política francesa e internacional. O texto que acompanha a charge confirma essas interpretações: “*Il s’emploie à manoeuvrer pour gratter un rang, puis l’autre, comme le montre une vidéo hilariante publiée sur le site de BFM TV.*”²³ Bem entendido, as peculiaridades da política interna francesa só serão compreendidas se o leitor compartilhar desses já-ditos. Caso contrário, corre-se o risco de incompreensão da alusão, pois como afirma Authier-Revuz: ‘O prazer da convivência está no cerne do mecanismo da alusão: pondo à prova uma cultura partilhada, a alusão bem sucedida afirma e festeja “uma comunhão”; [...]’ (2007, p. 17).

Assim, conforme já pontuamos, no caso das redes sociais, o enunciador Lx aposta na memória do enunciado desencadeador, do acontecimento e do tema a ele relacionados, mas aposta, também, e às vezes principalmente, na memória imediata dos enunciados intermediários e na memória compartilhada do meme *Je suis Charlie*: os leitores/ouvintes, mesmo não conhecedores do enunciado-

²¹ Sarko esgueirou-se até a primeira fila dos chefes de estado.

²² Eu estou – mesmo verbo que sou em francês - na foto.

²³ Ele se dedica a manobrar para ganhar uma fila, depois outra, como mostra um vídeo hilariante publicado no site de BFM TV.

acontecimento-tema desencadeador, reconhecerão que se trata de um enunciado de afirmação/reforço de identidade por meio da repetição já reconhecida nas redes sociais e na sociedade letrada como um todo. Fora desses vetores e entornos corre-se o risco do não reconhecimento da alusão.

2.2.1 Autoria e disseminação do enunciado

Em tempos de Internet, o controle sobre a autoria da produção e disseminação dos enunciados no diálogo social é mais complexo do que no campo da mídia dita tradicional. O texto de Joachim Roncin, *Comment j'ai crée "Je suis Charlie"* (Como eu criei "Je suis Charlie"), em *Libération* de 14/01/2015, ilustra bem a questão da autoria e da disseminação. O jornalista do *magazine* gratuito *Stylist* reivindica a criação de "Je suis Charlie", no mesmo dia do atentado, nas redes sociais. Ele declara considerar odioso e incompreensível que se transforme em marca comercial essa "mensagem de liberdade", fruto do que afirma ter sido a tradução espontânea de uma emoção pessoal. Acrescenta, também, desejar afastar qualquer recuperação ideológica de sua mensagem. Entretanto, a disseminação do enunciado escapa de seu controle, pelo que se pôde verificar pela reprodução viral que se seguiu. Observemos, ainda, que, numa perspectiva dialógica, mesmo no momento de sua produção, seu enunciado, orientado para seu objeto e para o discurso do outro no objeto, já estava povoado por discursos alheios sobre o objeto e sobre o tema (BAKHTIN, 1998/BAKHTINE, 1978).

Ainda seguindo a mesma linha de reflexão, a própria fórmula "Je suis Charlie" não deve ter sido a primeira dentre outras similares para afirmar uma identidade, uma posição. O aspecto particular nesse caso é

a articulação enunciado-acontecimento-tema, que obtém reconhecimento do interlocutor, tanto no que diz respeito ao enunciado-acontecimento-tema “desencadeador” (o enunciado produzido no dia do atentado, o atentado em questão e o/s tema/s que são trazidos à tona: terrorismo, liberdade de imprensa etc.), como o reconhecimento da alusão, em se tratando de outros empregos do mesmo enunciado ou da ampla gama de transformações, retomando o acontecimento “desencadeador” ou referindo-se a outros acontecimentos locais, nacionais ou globais (ZOZZOLI, no prelo).

Verificamos, ainda, que a disseminação do enunciado alcança uma amplitude muito maior do que a reivindicação da autoria, passando a afirmar outras identificações, outras chamadas à resistência. A autoria e sua reivindicação se limitam principalmente ao âmbito jornalístico nacional francês e em alguns sites fora do país, enquanto que o enunciado se propaga sem autoria nas malhas das redes sociais e nos múltiplos textos de gêneros diversos numa escala mundial.

Quanto à identidade dos locutores *Lx* que retomam o enunciado em diversos vetores e entornos, o *je* que marca o enunciador só ganha força e assume sua identidade com a qualificação que significa adesão a um grupo social dado, marcando a posição desse grupo. Trata-se de um *je* que afirma sua pertença ou sua adesão a um grupo e isso acontece através do enunciado desencadeador, bem como em qualquer de suas variações, nelas incluindo as transformações com negações.

2.2.2 O enunciado *Je suis Charlie* em relação à diversidade de temas, gêneros, vetores e entornos

O enunciado prototípico poderia se definir como um enunciado que não só é capaz de se reproduzir sem transformações ou com mais ou menos transformações do ponto de vista estritamente linguístico, mas ele também é capaz de ser retomado em diversos temas paralelos, gêneros, vetores e entornos²⁴. Isto é particularmente visível neste texto em 2.3 Enunciado/s híbrido/s. *Je suis professor* (em manifestações nas redes sociais a favor dos professores do Estado do Paraná em greve) e *Je suis Syriza* (em jornais e nas redes sociais, a favor do líder grego e da posição da Grécia contra o FMI) exemplificam aqui um bom número de dados dessa mesma natureza. Os dois enunciados representam identificação e resistência de grupos sociais em gêneros, vetores e entornos diversos (cartazes, vídeos, textos de diferentes gêneros).

Em *Je suis professor*, temos o caso de uma transposição para um contexto particular de um Estado do Brasil e para um tema da defesa dos professores em greve nesse Estado, em seguida, a partir das redes sociais, a adesão nacional à defesa do grupo social levou o enunciado ao plano nacional. Dentro desse quadro, pessoas se manifestam em defesa dos professores e contra as atitudes tomadas pelo Governo daquele Estado, ao mesmo tempo em que se posicionam, explicitamente ou não, em defesa desses profissionais de modo mais amplo, como mostra este

²⁴ A delimitação entre as categorias gêneros/vetores fica difícil em muitos casos diante da interligação entre elas: até onde vai o gênero e começam vetores? Assim, não nos propomos fazer classificações nesse sentido.

exemplo do twitter (PAIXÃO,2015), reproduzido várias vezes nas redes sociais²⁵:



Je suis Syriza estava presente em cartazes, em uma manifestação convocada pelos partidos de esquerda em Paris, no dia 28 de junho de 2015, no jornal l'Humanité, da mesma data, que discorre sobre a manifestação, como também em *Je suis Syriza! (Comme tout le monde)*, em título do blog Rue 89/Nouvel Observateur, em 26/01/2015 e ainda no site tviz4, no título *Alberto João Jardim declara-se: Je suis Syriza*, em que se vê, também, um vídeo no qual o político português da ilha da Madeira aparece no carnaval vestido de grego. Nesse caso, ficam patentes a relevância da transposição para o tema da política econômica europeia e dentro dos entornos que acabamos de descrever: o entorno maior que corresponde à política portuguesa dentro da Europa e o entorno específico, que corresponde à personagem, ao local em que se encontra e à festividade.

O acontecimento se desdobra, assim, em vários outros ligados pelo tema (e temas subjacentes, similares ou não) de vários planos

²⁵ Não é possível identificar a autoria, o desenhista primeiro dessa imagem, dada a disseminação e reprodução maciça nas redes sociais. Fazemos, portanto, dentre outras, referência à autora e à fonte que utilizamos para essa exemplificação.

(local, nacional, mundial). De forma similar, os entornos podem ser imediatos (em um dado contexto de produção imediato, próximo no tempo e no espaço do entorno que envolve o “enunciado desencadeador”) ou mediatos, mais ou menos distantes no tempo e no espaço em relação ao “enunciado desencadeador”.

2.2.3 Discordâncias em outros entornos

Não só de concordâncias são feitas as retomadas do enunciado *Je suis Charlie*, bem entendido, uma vez que o diálogo também inclui a dissensão.

Segundo Bakhtin, a compreensão ativa compreende uma “série de inter-relações complexas, de consonâncias e multissonâncias com o compreendido”, enriquecendo-o de novos elementos (BAKHTIN, 1998, p. 91/ BAKHTINE, 1978, p.105). Nessa perspectiva, a dialogicidade interna do discurso contempla duas orientações: aquela do discurso de outrem no objeto e a da resposta antecipada desse outro (BAKHTIN, 1998/BAKHTINE, 1978). Mas essa dialogicidade, segundo esse mesmo autor, só pode “se tornar essa força criativa e fundamental apenas no caso em que as divergências individuais e as contradições sejam fecundadas pelo plurilinguismo social” (BAKHTIN, 1998, p. 93/ BAKHTINE, 1978, p. 107). Esse plurilinguismo social é entendido aqui como “outras linguagens sócio-ideológicas” (BAKHTIN, 1998, p. 94/ BAKHTINE, 1978, p 109) e todas as linguagens do plurilinguismo “são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas da sua interpretação verbal, perspectivas específicas objetais, semânticas e axiológicas” (BAKHTIN, 1998, p. 98/ BAKHTINE, 1978, p. 113). Através desse prisma, o enunciado *Je suis Charlie*, tem respostas ativas que contemplam os

entornos específicos do enunciador, seus pontos de vista sobre o mundo e seus julgamentos de valor também específicos.

Não estudaremos aqui todos os casos de refração em novos contextos, mas exemplificaremos o que ocorre com o enunciado *Eu não sou Charlie, je ne suis pas Charlie*, no título e na conclusão de um artigo de Rafael Saldanha, publicado no Blog de Leonardo Boff, bem como em Carta Capital, enunciado que é sustentado pelos argumentos do artigo em que se encontra.

Em primeiro lugar, destacamos que é possível considerar que Leonardo Boff, ao retomar o texto e ao apresentá-lo num resumo, recorre também à alusão, na dimensão da discordância, conforme o extrato a seguir:

Quase só se ouve um lado e não se buscam as raízes mais profundas deste fato condenável, mas que exige uma interpretação que englobe seus vários aspectos ocultados pela mídia internacional e pela comoção legítima face a um ato criminoso.

Esse trecho já prepara, desde seu início, o leitor para o *mas* que culmina na negação inclusa no enunciado a qual revela o posicionamento político que ele representa para o autor do blog e para o autor do artigo.

Em segundo lugar, analisando o artigo, identificamos, resumidamente, os argumentos apresentados para justificar o trecho *vários aspectos ocultados pela mídia internacional*:

(1) O editor da revista na época era Philippe Val. O mesmo que escreveu um texto em 2000 chamando os palestinos (sim! O povo todo) de “não-civilizados” (o que gerou críticas da

colega de revista Mona Chollet (críticas que foram resolvidas com a demissão sumaria dela);

(2) A França tem 6,2 milhões de muçulmanos. São, na maioria, imigrantes das ex-colônias francesas. Esses muçulmanos não estão inseridos igualmente na sociedade francesa. A grande maioria é pobre, legada à condição de “cidadão de segunda classe”, vítimas de preconceitos e exclusões. Após os atentados do World Trade Center, a situação piorou;

(3) As charges polêmicas do Charlie Hebdo, como os comentários políticos de colunistas da Veja, são de péssimo gosto, mas isso não está em questão. O fato é que elas são perigosas, criminosas até, por dois motivos:

O primeiro é a intolerância. Na religião muçulmana, há um princípio que diz que o Profeta Maomé não pode ser retratado, de forma alguma. Esse é um preceito central da crença Islâmica, e desrespeitar isso desrespeita todos os muçulmanos. Fazendo um paralelo, é como se um pastor evangélico chutasse a imagem de Nossa Senhora para atacar os católicos²⁶...

O segundo motivo não aparece marcado linguisticamente e o texto continua a argumentar contra a intolerância, apresentando exemplos na sociedade francesa e generalizando a crítica: *Para os setores nacionalistas franceses (de direita, centro ou esquerda), é inadmissível que 10% da população do país não tenha interesse em seguir “o modo de vida francês”.*

²⁶ Isso aconteceu de fato no Brasil.

Podemos acrescentar um argumento que propõe que a caneta seja também uma arma. Assim, com este trecho, complementa-se o que é apresentado no ponto 2:

Como toda população marginalizada, os muçulmanos franceses são alvo de ataques de grupos de extrema-direita. Esses ataques matam pessoas. Falar que “Com uma caneta eu não degolo ninguém”, como disse Charb, é hipócrita. Com uma caneta se prega o ódio que mata pessoas...

Além disso, procurando no texto, encontramos o que poderia ser o segundo motivo, mesmo que não seja apresentado como tal:

Porém, alguns urubus são mais espertos do que outros, e já começamos a ver no que o atentado vai dar. Em discurso, Marine Le Pen declarou: “a nação foi atacada, a nossa cultura, o nosso modo de vida. Foi a eles que a guerra foi declarada”.

Esse poderia ter sido talvez segundo motivo: o aproveitamento do acontecimento por partidos, jornais, jornalistas, desejosos de retomar o enunciado-acontecimento-tema em seu favor, ou seja, em favor de sua imagem de marca (de pessoa, de partido etc.). Esse argumento não foi desenvolvido, apesar da “promessa” contida em *urubus* (afinal, além do partido do Front National de Marine le Pen, quem são os outros?) e o texto é concluído com o primeiro motivo, o da intolerância, que se estende à denúncia sobre a situação específica dos muçulmanos na França, também já explicitada no texto:

Quando chegam as notícias de que locais de culto islâmico na França foram atacados, um deles com granadas!, nessa madrugada, a coisa perde um pouco a beleza. É a resposta ao discurso de Le Pen, que pedia para a França declarar “guerra

ao fundamentalismo” (mas que nos ouvidos dos xenófobos ecoa como “guerra aos muçulmanos”, e ela sabe disso).

Por isso tudo, apesar de lamentar e repudiar o ato bárbaro do atentado, eu não sou Charlie. *Je ne suis pas Charlie*.

Ao tomar essa posição, a afirmação *Je ne suis pas Charlie* e o artigo na qual é incluída refletem múltiplos discursos semelhantes disseminados em múltiplos gêneros, veículos e entornos. Esses discursos refratam outros como vários que aderem ao enunciado *Je suis Charlie* e expressam os valores da República Francesa, os quais incluem a liberdade de expressão e a laicidade e rechaçam os amálgamas, como se vê no artigo escrito por Christophe Deroubaix avec Pierre Duquesne, Julia Hamlaoui, Thomas Lemahieu, Lina Sankari, no dia 09 de janeiro de 2015, na primeira página (La Une) do jornal L’Humanité:

Comme à Arles²⁷, c’est dans un mélange de mobilisation, d’incompréhension, de stupéfaction et de recherche de sens que la France a vécu le « jour d’après ». Une France qui était sortie, spontanément, jeudi soir, sur la place de la République à Paris, comme dans des dizaines de villes de France, manifester sa douleur et réaffirmer les valeurs fondamentales de la République²⁸.

Nous appelons nos concitoyens croyants de toute obédience et non croyants à refuser les amalgames et les raccourcis, en commençant par ces “citations à comparâître” lancées en direction d’une plus forte mobilisation des “musulmans modérés”! Nous sommes toutes et tous touchés par ce drame,

²⁷ A referência parece ser a uma manifestação sobre o mesmo tema, efetuada no dia 07/01/2015 naquela cidade.

²⁸ Como em Arles, é uma mistura de mobilização, de incompreensão, de estupefação e de procura de um sentido que a França viveu no « dia seguinte ». Uma França que tinha saído, espontaneamente, quinta à noite, na Praça da República em Paris, como em dezenas de cidades da França, para manifestar sua dor e reafirmar os valores fundamentais da República.

*et les musulmans de France savent déjà qu'ils/elles seront les victimes indirect(e)s de ce massacre.*²⁹

E no final do artigo:

Le moment venu, nous parlerons des problèmes de fond en évitant aucune thématique, pour préparer un avenir serein basé sur l'analyse de toutes les dérives fondamentalistes, mais aussi de tous les échecs de l'égalité des droits, des discriminations et des exclusions qui font le lit de toutes les frustrations et légitiment ces passages à l'acte auprès des faibles d'esprit. Notre message est un message de paix et de responsabilité, nous rappelons qu'au fond de ces quartiers abandonnés, l'immense majorité des habitants croient encore aux mots de "Liberté, Égalité, Fraternité"! »³⁰

Diante das diferenças de posicionamento político entre os textos brasileiro e francês, perceptíveis nos argumentos que acabamos de destacar, cabe lembrar os riscos da alusão já evidenciados por Authier-Revuz (2007, p. 16):

[...] apostando no outro-receptor para reconhecimento do terceiro-outro – o já-dito presente em suas palavras –, o enunciador que escolhe a alusão escolhe correr o risco de perda de seus lucros e o risco do fracasso: ao praticar esses jogos dialógicos – interdiscursivos e interlocutivos – sem

²⁹ Nós chamamos nossos concidadãos crentes de todas as obediências e não crentes a recusar os amálgamas e os atalhos, começando por essas « citações (intimações) para comparecer » lançadas na direção de uma mais forte mobilização dos "muçulmanos moderados"! Nós estamos todas e todos tocados por esse drama, e os muçulmanos da França já sabem que eles/elas serão as vítimas indiretas desse massacre.

³⁰ Quando chegar o momento, nós falaremos dos problemas de fundo, sem evitar nenhuma temática, para preparar um futuro sereno baseado na análise de todas as derivas fundamentalistas, mas também de todos os fracassos da igualdade dos direitos, das discriminações e das exclusões que constituem o leito de todas as frustrações e legitimam essas passagens ao ato junto aos fracos de espírito. Nossa mensagem é uma mensagem de paz e de responsabilidade, nós lembramos que no fundo desses bairros abandonados, a imensa maioria dos habitantes acredita ainda nas palavras "Liberdade, Igualdade e Fraternidade"!

qualquer garantia, o enunciador perde a sua aposta... ou duplica os seus ganhos.

Percebemos, assim, que diversas “fontes exteriores no espaço do já-dito (AUTHIER-REVUZ, (2007), diferentes memórias (COURTINE, 1981) e múltiplos plurilinguismos sociais (BAKHTIN, 1998/BAKHTINE, 1978) atuam e a complexidade das interpretações difere do contexto de um país para outro, de um grupo social para outro, dentro de cada país. É possível que, no Brasil, muitos grupos sociais que se posicionaram a favor de *Je suis Charlie* no Brasil tenham retomado esse enunciado para reforçar posições políticas contrárias às que defende o artigo do blog do Leonardo Boff, de autoria de Rafael Saldanha. A exemplo desse artigo, jornais on line de esquerda, como Carta Maior, Carta Capital, e Pragmatismo Político, por exemplo, defendem *Je ne suis pas Charlie* e/ou problematizam a questão, como no artigo de Roberto Amaral em Carta Capital:

No lide:

A tragédia de 7 de janeiro serve apenas aos conservadores franceses, interessados em reduzi-la a um conflito religioso, afastando a discussão sobre as políticas dos EUA e da Europa em relação ao Oriente Médio e ao norte da África.

Na conclusão:

Um manifestante, com um cartaz escrito à mão encerra toda a complexidade: "Je marche, mais je suis conscient de la confusion et de l'hypocrisie de la situation." ("Eu marcho, mas estou consciente da confusão e da hipocrisia da situação.").

Já no caso dos artigos e postagens a favor de *Je suis Charlie* no Brasil, estes aparecem, em vários casos, apoiados em teses liberais e em

suportes reconhecidamente de direita. Muitas vezes, soma-se à publicação alguma crítica ao governo de esquerda do PT, como é o caso do Jornal on line Instituto Liberal nos extratos seguintes:

Título: A resposta do mundo livre: “Je suis Charlie”.

Em seguida, os trechos:

O novo capítulo da guerra do terrorismo islâmico contra o mundo livre atacou jornalistas.

O diretor de redação do jornal Le Figaro, Alexis Brezet, frisou: “É uma guerra, uma verdadeira guerra, conduzida não por soldados, mas por assassinos nas sombras, matadores metódicos e organizados cuja tranquila selvageria gela o sangue. Essa guerra matou ontem, em pleno centro de Paris”.

Pelo menos a presidente brasileira poupou o País do constrangimento a que nos expôs na sessão da ONU e condenou claramente o ato terrorista acontecido em Paris contra o jornal francês, defendendo a liberdade de imprensa como algo essencial à democracia.

Falta que o seu ministro das comunicações, o sindicalista Berzoini, se some a essa posição, engavetando de vez a estúpida proposta de controle social da mídia, que outra coisa não é senão um atentado contra a liberdade de expressão, com que a petralhada ameaça a democracia no Brasil.

Ao identificar sintagmas como *mundo livre* (que identifica uma posição generalizante e eurocêntrica em relação a outros países), *O diretor de redação do jornal Le Figaro* (jornal francês reconhecidamente de direita), *Pelo menos a presidente brasileira* (crítica subliminar à Presidenta brasileira) e *a petralhada ameaça a democracia no Brasil* (crítica direta ao partido da presidenta - PT), percebe-se, assim, que

“fontes exteriores no espaço do já dito” (AUTHIER-REVUZ, (2007), memórias (COURTINE, 1981), plurilinguismos sociais (BAKHTIN, 1998/BAKHTINE, 1978), que se opõem ideologicamente e politicamente operam nas alusões ao enunciado *Je suis Charlie/Je ne suis pas Charlie* nos dois países de forma complexa.

Lembremos que, para que a alusão seja reconhecida e aceita, é necessário que os enunciadores e destinatários pertençam a “culturas partilhadas”, o que lhes proporciona o prazer da convivência, como já foi dito (AUTHIER-REVUZ, 2007). A autora explica ainda:

Contando com o receptor, com a memória discursiva que vai lhe permitir o reconhecimento das palavras dos outros dadas a entender em suas próprias palavras, o locutor, através do seu jogo de alusões, desenha a imagem do destinatário do seu dizer – daquele a quem ele se dirige. (AUTHIER-REVUZ, 2007, p. 17).

O que se percebe aqui é que a intercompreensão se realiza entre interlocutores de lugares ideológicos e políticos distintos. A alusão, com suas transformações, portanto, só é aceita entre os grupos ideologicamente reconhecíveis entre si.

Acrescente-se que a situação parece ainda bem mais complexa do que apresentamos, se levarmos em conta uma amplitude maior de dados, o que não permite ligar definitivamente uma posição política a uma determinada retomada do enunciado, e isso, em dois países diferentes, em grupos sociais diferentes. Os exemplos utilizados não contemplam toda a diversidade de dados sobre o tema e os comentários feitos aqui não pretendem generalizar as interpretações. Muitos outros exemplos de publicações de artigos ou de enunciados nas mídias francesa e brasileira poderiam respaldar e diversificar nossa análise, mas esses aqui apresentados já nos parecem suficientes para sustentar a

ideia de que o diálogo social que se estabelece e se fortalece com a inserção do mundo digital é um fator favorável a alusões que transpõem a fronteira de países e de culturas. Ao fazer essa transposição e ao se compatibilizar com os diferentes gêneros, vetores e entornos, as alusões ao mesmo enunciado se modificam, se complexificam, como vimos nos exemplos apresentados.

Todos esses casos evidenciam a potencialidade de retomadas do enunciado-acontecimento-tema, sua amplitude no diálogo social, o que não é exclusivo do caso em estudo atualmente e se verifica em outros enunciados prototípicos não estudados neste texto.

Referências

AMARAL, Roberto. Charlie Hebdo: não cabem limites na defesa da livre expressão In: *Carta Capital*. 14/01/2015, última modificação 15/06/2015. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/charlie-hebdo-nao-cabem-limites-na-defesa-da-liberdade-de-expressao-2759.html>. Acesso em 12/11/2015.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. De quelques idées reçues sur le discours rapporté. In: *Perspectives*, n.4, p.15-21, 1992.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. "Nos riscos da alusão". Tradução VAZ, A.E. M. e CUNHA, D. A. C. In: *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, v. 20, n. 2, 2007. p. 9-46.

BAKHTINE, Mikhail. *Esthétique et théorie du Roman*. Paris: Gallimard, 1978.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

BATTAGLIA, Mattea. Nous ne sommes pas tous Charlie, nous sommes tous la Liberté. In: LE MONDE. Disponível em: http://www.lemonde.fr/education/article/2015/01/30/nous-ne-sommes-pas-tous-charlie-nous-sommes-tous-la-liberte_4567059_1473685.html. Acesso em 04/02/2015.

BROOKS, David. I Am Not Charlie Hebdo In: *New York Times*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2015/01/09/opinion/david-brooks-i-am-not-charlie-hebdo.html?_r=0. Acesso em 30/08/2015.

COURTINE J.-J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages*, n.62, p. 9-17, 1989.

D'ALLARD, Marion; CHAIGNON, Alexandra; LEMAHIEU, Thomas. La vague du « tous ensemble » plus forte que les semeurs de haine. Nous sommes charlie. In: *L'Humanité*. 12/01/2015. <http://www.humanite.fr/la-vague-du-tous-ensemble-plus-forte-que-les-semeurs-de-haine-562229>. Acesso em 12/08/2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Genres de discours et web: existe-t-il des genres web? In: BARATS, Christine (Org.). *Manuel d'analyse du web*. Paris: Armand Colin, 2013.

FRANÇOIS, Frédéric. *Le discours et ses entours: essai sur l'interprétation*, Paris: L'Harmattan, 1998.

PAIXÃO, Cláudia. Je suis Professor. Minha arma é o lápis. A palavra. (com desenho). In: *Twitter*, 30/04/2015. Acesso em 02/04/2015.

PÉTILLON, René. Dessin et énoncé: Sarko s'est glissé au premier rang avec les chefs d'état. In: *Le Canard Enchaîné*. 99^e année, n. 4916, mercredi, 14 janvier 2015, p. 2.

REDAÇÃO. Alberto João Jardim declara-se: «Je suis Syriza» *TVi24*. 15/02/2015. <http://www.tviz4.iol.pt/politica/madeira/alberto-joao-jardim-declara-se-je-suis-syriza>. Acesso em 02/09/2015.

RONCIN, Joachim, Comment j'ai créé "Je suis Charlie". In: *Libération*. Deuxième édition, n. 10468, mercredi, 14 janvier 2015, p. 14.

SALDANHA, Rafael. Eu não sou Charlie, je ne suis pas Charlie. In: *BLOG de Leonardo Boff*. 10/01/2015. <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/10/eu-nao-sou-charlie-je-ne-suis-pas-charlie/>. Acesso em 03 de novembro de 2015.

VÉLEZ-RODRIGUEZ, Ricardo. A resposta do mundo livre: "Je suis Charlie". In: *Instituto Liberal*. 09/01/2015. <http://www.institutoliberal.org.br/blog/resposta-mundo-livre-je-suis-charlie/>. Acesso em 12/11/2015.

ZOZZOLI, Jean-Charles. Marca: para além da concepção de branding. In: GOMES, Neusa. (Org.) *Fronteiras da Publicidade*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ZOZZOLI, Rita. Croisements discursifs à partir d'un énoncé-événement-thème. *Cahiers de Praxématique*, v.62, aceito para publicação.

Recebido em 13/12/2015. Aprovado em 16/12/2015.